

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

INTERVENÇÃO URBANA: POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS COM ADOLESCENTES DO CENSE DE PATO BRANCO

Rosana de Fátima Zanella Spricigo¹

Me. Denise Cristina Holzer²

Resumo: Este artigo apresenta o desenvolvimento e os principais resultados da implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica, com a carga horária de 32 horas/aulas, durante o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), com alunos do Programa de educação nas unidades socioeducativas - Proeduse no CENSE de Pato Branco. A pesquisa se traduz em pesquisa qualitativa mediadora, que se utiliza da observação participante e do diário de campo como registro de informações. O objetivo da pesquisa foi investigar possibilidades de educar pelo sensível, uma proposta de João Francisco Duarte Jr. com adolescentes privados de liberdade, proporcionar subsídios teórico-metodológicos sobre a arte contemporânea e artistas envolvidos no meio, apresentando e orientando uma proposta de produção artística, com enfoque na intervenção urbana. Arte esta de grande expressão, que visa discutir problemas sociais enfrentados pelos adolescentes na sociedade na qual estão inseridos. Tal proposta apresentou a arte como estimuladora de experiências estéticas, provocando os sujeitos a ver a sua cidade com um olhar diferenciado, reflexivo. Por meio de experiências artísticas como seminários, mapa conceitual, discussões, pesquisas, visitas a locais públicos, leitura de imagens, produção artística, os alunos foram convidados a embarcar no universo do sensível, com um novo olhar sobre a arte urbana e sua importância para a sociedade.

Palavras-chave: arte contemporânea; intervenção urbana; sensível; cotidiano.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada no Programa de Desenvolvimento Estadual (PDE), da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná, no ano de 2016/2017. O PDE é uma política pública de Estado regulamentado pela Lei Complementar nº130, de 14 de julho de 2010, que estabelece o diálogo entre os professores do ensino superior e da educação básica.

¹ Graduada em educação artística pela Unoesc – Campus Xanxerê – Sc; pós-graduada em Metodologia e didática do Ensino Superior pelo ESAP; Arte terapia pela Fapi e Proeja pela UTFPR. Professora de Arte da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, atualmente no Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira – Pato Branco – PR. Email: rosanazanel@seed.pr.gov.br

² Mestre em Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina, professora do departamento de arte da Unicentro - Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Email: denigp@hotmail.com

Partindo da prática em sala de aula, sentiu-se a necessidade de um estudo, mais aprofundado da dimensão histórica e os Fundamentos Teórico Metodológicos do ensino de Arte no Brasil, bem como, arte, Cultura e Sociedade e as diversas teorias da Arte que estabelecem referências sobre a sua função social, levando em conta principalmente a relação arte-artista-público na sociedade atual e o entendimento que os alunos do Programa PROEDUSE (Programa de Educação nas Unidades Socioeducativas) de Pato Branco, têm em relação à Arte Urbana.

Mediante um estudo teórico sobre a arte contemporânea, em especial a intervenção urbana e artistas envolvidos no meio, foi proposta uma produção artística, sensibilizando-os e amenizando certo estranhamento por parte dos adolescentes. A arte contemporânea é uma forma de arte de grande expressão, que visa abordar assuntos relacionados à política, problemas sociais, enfrentados pelos adolescentes da sociedade na qual estão inseridos. A pesquisa contou com o trabalho colaborativo entre os profissionais da rede de ensino do Estado, através do GTR (Grupo de Trabalho em Rede), tendo como objetivo a reflexão e a troca de experiências, durante a aplicação do projeto.

Hoje, a arte ultrapassa os limites do museu e das galerias e se apropria de diferentes suportes e lugares. Katia Canton, fala do espaço público como suporte dizendo que “ [...] é como se o espaço público fosse o espaço de ninguém, todos acabam descuidando, jogando lixo na rua. É como se esses artistas estivessem gritando contra essa situação, propondo um resgate do espaço público para si” (2009, p. 47).

Assim, a cidade, enquanto suporte, surge como uma oportunidade de acesso à arte tanto como expectador quanto como artista, um meio de qualquer indivíduo poder se manifestar sobre as fragilidades humanas, seus medos, anseios e serem percebidos. Nesse contexto, surge a necessidade de apresentar essas possibilidades de expressão e dialogar com esses adolescentes para que eles possam interagir com esta realidade de forma crítica e consciente.

Para tanto, recorreu-se à proposta de educar pelo sensível apresentada por Duarte Júnior (2001). A arte torna-se provocadora de emoções, na medida em que age sobre os sentidos humanos. Ao provocar o sujeito a conhecer, experimentar as possibilidades das coisas cotidianas, por meio dos sentidos, este fará da vida algo contextual, parte de si e assim talvez, responsável pela transformação. Duarte Júnior acredita que a educação do sensível, parte de estímulos bem simples como observar

melhor as coisas que vemos cotidianamente. Nesse sentido, a pesquisa investigou possibilidades de educar pelo sensível, por meio da arte contemporânea, dando ênfase à Intervenção Urbana com adolescentes privados de liberdade, em parceria com o Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira.

A proposta sustentou-se na arte como estimuladora de experiências estéticas, provocando os sentidos do sujeito, propondo a ver o mundo com um olhar reflexivo. Por meio de experiências artísticas como seminários, mapa conceitual, discussões, pesquisas, visita a locais públicos, leitura de imagens, produções artísticas, os alunos foram convidados a embarcar no universo sensível, com um novo olhar sobre a arte e sua importância para a sociedade. E, reconhecendo-se como um sujeito autor de sua própria história, sensibilizado de sua função poderá se envolver de forma mais ativa na construção de um mundo melhor.

A pesquisa se classifica como qualitativa mediadora. Pesquisa esta que se utiliza de uma metodologia alternativa que para Rauen (2013, p.18) “consiste numa intervenção educativa de cunho dialético, com o propósito de transformação de uma visão sincrética de qualquer conhecimento em uma visão sintética, através de um trabalho analítico”. Inicialmente, propõe-se a fazer uma análise sincrética³ dos alunos e demais envolvidos no projeto, sugere-se, em seguida, estratégias de intervenção para então realizar uma análise descritiva final do processo e de possíveis transformação de conceitos e até ações.

Escolheu-se como instrumento desta pesquisa a observação participante, e como registro de informações: o diário de bordo⁴. Neste diário, foram registradas as percepções diárias, conversas informais, observações de comportamento, e impressões pessoais do pesquisador. De posse do diário, pode-se refletir com atenção de todas as etapas da pesquisa e perceber as possíveis transformações.

Na intenção de tornar o texto mais claro para o leitor, a estrutura desse artigo está organizada em três partes. A primeira apresenta uma revisão de textos, artigos e

³ Trata-se de uma análise a respeito do que cada um entende sobre o tema, já que se conta com um grupo heterogêneo, com diferentes culturas, costumes e tradições. Para melhor entendimento define-se Sincretismo: é a fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova (<https://www.significados.com.br/sincretismo/aceso> em 31/07/2017).

⁴ O Diário de Bordo é um caderno ou pasta no qual o estudante registra as etapas que realiza no desenvolvimento do projeto. Este registro deve ser detalhado e preciso, indicando datas e locais de todos os fatos, passos, descobertas e indagações, investigações, entrevistas, testes, resultados e respectivas análises (<http://febrace.org.br/projetos/diario-de-bordo>).

livros sobre os conteúdos abordados nas atividades, a segunda descreve a implementação do Projeto de Intervenção, bem como a participação dos cursistas GTR e a terceira apresenta as considerações finais sobre a pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REVISÃO TEÓRICA

O ensino da arte, no Programa Proeduse, vem com uma proposta de arte voltada para o educando em privação de liberdade, propondo um exercício de integração social, “na medida em que o mesmo tem a possibilidade de estabelecer contato com a sociedade através de sua arte”. A intervenção Urbana, possibilita um diálogo, pode “garantir uma forma de comunicação entre a produção do educando e a sociedade em geral”, gerando conhecimento (PARANÁ, 2005, p. 51).

Com as DCEs, a arte na escola passou a ser compreendida como forma de conhecimento, com conteúdos próprios. As diretrizes apontam para a necessidade de um encaminhamento metodológico que atenda às necessidades educativas e que leve o educando a conhecer e refletir sobre a realidade, de modo a superá-la e transformá-la. Para isso, “pretende-se que os alunos adquiram conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico” (PARANÁ, 2008, p.52).

Com o avanço da globalização, cultura de massa e o desenvolvimento das novas tecnologias e mídias, surgem uma variedade de experiências artísticas e culturais, surge a Arte Contemporânea. Rompendo com alguns aspectos da Arte Moderna, abandonando diversos paradigmas e trazendo valores para a constituição de uma nova mentalidade, a Arte Contemporânea cria uma variedade de estilos, técnicas, suportes e linguagens artísticas, pautadas principalmente, nos processos artísticos em detrimento do objeto, ou seja, na ideia em detrimento da imagem.

A Arte Contemporânea prioriza a ideia, o conceito, a atitude, acima do objeto artístico final e, ao mesmo tempo. Ela leva o espectador a ter uma nova percepção da realidade a sua volta por meio de reflexões, reconhecendo-se como sujeito histórico.

Se comparado a diferentes períodos da história, hoje, os artistas têm uma grande liberdade criadora, variados recursos materiais e suportes em suas mãos. As possibilidades são múltiplas. Para o artista Tony Camargo diante de tanta liberdade

existe o compromisso. “A grande responsabilidade de se fazer uma arte contemporânea é esta, a de que você está gerando um novo conhecimento, que deve revelar e ajudar a transformar o contexto atual”. Diante dessa preocupação do artista, refletir sobre a arte é muito mais importante que a própria arte em si (BURIGO e CORDOVA, 2013, p 43).

Na arte contemporânea, os artistas estão livres para ampliar a sua atuação, por meio de conceitos e atitudes, não há um limite de possibilidades. Existe um diálogo entre a obra e o espectador e uma possível ação de transformação da realidade a partir do conhecimento adquirido.

Para Cauquelin (2005, p. 148), a arte contemporânea pode ser vista como reinvidicação e se apropria de diferentes ambientes como “a parede, a cidade ou o próprio corpo”, a obra é efêmera e envolve atitude, espontaneidade e expressão. É diálogo, um jogo recíproco entre a realidade que se vive, a ideia/tema que é abordada, problematizando questões que inquietam a sociedade. Sendo assim, a obra artística é produzida para que possa ser discutida pelas pessoas.

A arte contemporânea pertence ao agora, exige conteúdo, se diferencia quanto às formas, à composição, o emprego de materiais distintos. Ela deixou de ser consumida e passou a comunicar, está acessível a todos, em locais que antes não eram para ela. A obra apresenta uma comunicação com o espectador e reflexões sobre a vida e o cotidiano, mas, não atinge a todos ainda. “A arte contemporânea é mal apreendida pelo público, que se perde em meio aos diferentes tipos de atividade artística, mas é, contudo, incitado a considerá-la um elemento indispensável à sua integração na sociedade atual” (CAUQUELIN, 2005, p. 161).

É comum, quando instigamos os alunos a falarem sobre um artista ou um período histórico, eles remeterem-se ao passado e a artistas bem distantes, raramente brasileiros. Isso porque a Arte Contemporânea é pouco trabalhada na escola. Faz-se necessário que o professor de Arte compreenda a importância da mesma e traga essa nova forma de linguagem para a sala de aula, buscando, junto aos alunos, uma compreensão da arte produzida na atualidade, oportunizando acesso e leituras de variadas formas de manifestações dessa arte.

A Arte Contemporânea exige, além do conhecimento, envolvimento e despreendimento de preconceitos para compreendê-la e aceitá-la. As orientações das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná são a base para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Segundo as Diretrizes, na

metodologia devem ser contemplados três momentos da organização pedagógica: teorizar – contextualização, sentir e perceber – apreciação e apropriação, e fazer artístico - a prática, na qual o aluno vai desenvolver uma produção artística, a partir dos conhecimentos adquiridos.

Abordar a arte contemporânea na escola é oportunizar o educando a vivenciar uma diversidade de experiências que ela apresenta, na ligação com todas as áreas que oferece, na proximidade da arte com a vida e no desenvolvimento dos sentidos que Duarte Junior (1991) nos apresenta. A arte contemporânea no ensino favorece uma relação direta do aluno com a produção cultural e saber ler e interpretar os códigos presentes na atualidade significa olhar com criticidade a realidade que os cerca.

Cabe ao professor de Arte abrir caminho para que seus alunos construam olhares estéticos que não se limitam apenas ao espaço escolar ou à chamada “cultura erudita”, mas que sejam também capazes de lançar um olhar crítico sobre a cidade em toda a sua amplitude, abrangendo seus códigos, incongruências e multiplicidades (AROUCA, 2012, p. 12).

Deve ser levado em conta o meio em que o aluno vive como um ambiente de aprendizagem, refletindo sobre as relações sociais existentes dentro e fora dele. O professor de arte deve ser o mediador, aquele que conduzirá o debate para a educação do olhar com criticidade sobre a cidade, tanto com encantamento quanto com estranhamento, para que o aluno venha a interagir com o meio. Nessa abordagem, o aluno se sentirá parte do todo e, como pertencente da sociedade, responsável por uma transformação.

A condução de uma aprendizagem complexa e significativa, que estimule o estudante a observar e interagir com sua comunidade, também pode ser uma estratégia pedagógica de inclusão social, uma vez que um dos seus objetivos é auxiliar o jovem a se reconhecer como pertencente a sua comunidade (AROUCA, 2012, p. 23).

Quando o professor apresenta a cidade como objeto de estudo, com diferentes códigos e valores, favorece um diálogo entre culturas num mesmo patamar, estabelecendo relação entre a aprendizagem formal e o cotidiano do aluno. Esse pensamento não só favorece o respeito como estimula o mesmo a se expressar nos espaços públicos.

A expressão estética nos espaços públicos é vista por parte de alguns como poluição e até vandalismo, considerando depredação de Patrimônio Público. Para

outros, como a mais espontânea e significativa forma de expressão da arte contemporânea. Arte esta que se apresenta em linguagens como grafites, pichações, stickers e que se utiliza das paredes, postes e espaços diversos da cidade como suporte.

O Grupo Poro acredita numa educação do olhar e dos sentidos. Segundo eles, para aprender a ler imagens e vivenciar os espaços criticamente, o aluno deverá ter desenvolvido e aperfeiçoado o olhar, aguçado os sentidos. É preciso “ver e pensar sobre o que acontece ao seu redor. Atravessar as aparências”. Ver e sentir de modo poético e inventivo o imaginário urbano, criando novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços, trazendo “o campo simbólico e imaginário para o real” (PORO, 2013 p. 87).

Nessa perspectiva, pode-se aprender muito, por meio da experiência do olhar e sentir a cidade. O cotidiano precisa ser vivenciado livremente com poéticas, fazendo uma relação entre o real e o imaginário. A partir do que se sente ou se percebe da realidade, possibilita-se a transformação. Por meio de leituras, diálogos e um olhar aguçado, questionador, pode-se levar os alunos, à compreensão da arte.

A intervenção urbana sendo uma arte pública apresenta informação visual que possibilita ao público da rua, da vida cotidiana, estar em contato com a arte com manifestações que questionam normas sociais, propondo reflexões de ordem política e social. A arte pública, neste contexto, é uma prática social que, para Vera Pallamin “permite a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política” (PALLAMIN, 2000, p.24).

Alguns artistas propõem obras colaborativas. Candy Chang é uma artista de Nova Orleans, no estado americano da Luisiana que cria experiências participativas provocando uma reflexão entre isolamento e comunidade. A artista acredita que lugares compartilhados podem comungar de intimidades. Sem muito material, apenas com giz e etiquetas, ela provoca as pessoas a participarem da obra, envolvendo-se uns com os outros e com o mundo ao seu redor. A revista online Liberdade apresenta:

Depois de perder alguém que amava, em 2011, uma artista de Nova Orleans, no estado americano da Luisiana, criou uma parede interativa em uma casa abandonada no seu bairro. Com tinta fosca preta e um stencil, ela escreveu várias vezes a frase “Antes de morrer eu quero”, com uma linha ao lado. Quem passasse pelo local poderia completar com giz o seu desejo pessoal.

Depois de produzir sua intervenção, Candy Chang postou fotos na internet e disponibilizou sua obra para ser reproduzida. Desde então, vários artistas e/ou grupos, se apropriaram da ideia e mais de mil foram criadas em 70 países e 35 línguas diferentes. No Brasil, já foram criados muros nas cidades de Campinas, em São Paulo, Joinville, em Santa Catarina, Rio Verde, em Goiás, Rio de Janeiro, no estado do Rio, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Salvador, na Bahia. O projeto “Construa sua própria parede”, “Confessions” e as imagens encontram-se disponíveis em seu site <http://beforeidie.cc/site/build-your-own-before-i-die-wall/>.

2.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO E DISCUSSÕES DO GTR

A intervenção pedagógica é uma proposta de mudança da realidade encontrada, buscando qualidade de ensino e um maior interesse por parte dos alunos, não só na disciplina em questão como também na busca do conhecimento de uma maneira geral (www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br). Entendendo que uma intervenção bem orientada poderá colaborar para a construção de uma nova sociedade, foi desenvolvida de forma voluntária dentro do Proeduse, com adolescentes privados de liberdade, o trabalho intitulado “intervenção urbana: uma linguagem da arte contemporânea com adolescentes do Cense de Pato Branco”.

Durante a intervenção pedagógica, a arte foi apresentada como área de conhecimento, estabelecendo um elo entre o aluno e sua produção artística, para que o mesmo pudesse se expressar em relação à sua realidade para posteriormente transformá-la. Para Hernández:

Quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico [...] delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc., o que lhe cerca e também a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2000, p.42).

Entender a arte como área do conhecimento é condição indispensável para que o ensino de arte seja valorizado e entendido como fundamental na construção de cidadãos críticos, autônomos e sensíveis.

A pesquisa contou com a aplicação de uma Unidade Didática, elaborada no segundo semestre 2016, pela professora PDE, que será disponibilizada posteriormente no portal, como sugestão para outros professores, adaptando-as sempre que necessário à realidade de suas escolas e educandos.

Considerando o que já dizia Duarte Júnior (1981, p.100), “a arte é o meio indispensável para esta união do indivíduo com o todo”, foram pensadas algumas práticas provocativas capazes de estimular os alunos à criação e expressão de ideias, com um olhar mais crítico sobre sua cidade e conseqüentemente sobre o mundo (seu mundo), divididas em oito etapas: apresentação do projeto, verificação do conhecimento prévio dos alunos, construção de mapa conceitual, estudo da arte contemporânea, aula de campo com o passeio pela cidade, experimentação de diferentes práticas artísticas contemporâneas, perfazendo um total de 32 horas aulas.

Inicialmente a proposta foi apresentada à direção, equipe pedagógica, professores e demais membros da comunidade escolar, durante a semana Pedagógica do primeiro semestre de 2017, quando foi considerada relevante sua implementação.

Quanto à receptividade dos alunos em relação ao projeto, os adolescentes mostraram-se tímidos num primeiro contato, mas assim que se deu início a dinâmica, que buscava informações relativas ao que já conheciam sobre o conteúdo, mostraram-se motivados. O tema foi proposto, sabendo que é pouco trabalhado na escola e da própria dificuldade em abordá-lo, mas foi surpreendente o total desconhecimento inicial dos alunos. Claro que, uma parcela, nesse primeiro contato não se manifesta pela falta de entrosamento. O mapa conceitual da sondagem ficou carregado de interrogações. Diante deste fato, percebeu-se um grande interesse em conhecer já que se trata de um assunto atual, algo que está acontecendo. E, como a própria proposta do Proeduse prevê, o ensino da arte, propõe um exercício de integração social, “na medida em que o mesmo tem a possibilidade de estabelecer contato com a sociedade através de sua arte”. A intervenção Urbana, possibilita um diálogo, pode “garantir uma forma de comunicação entre a produção do educando e a sociedade em geral”, gerando conhecimento (PARANÁ, 2005, p. 51). Já no final desta etapa um aluno mencionou: “tomara que eu aprenda, não sei nada”. Sentiu-se então uma responsabilidade e motivação para melhor desenvolver o projeto.

A segunda etapa da implementação objetivava um estudo teórico sobre arte contemporânea e suas linguagens. Nesta etapa pode-se perceber que eles apresentavam certa dificuldade em definir o que é arte, e conseqüentemente a aceitação de certas intervenções como arte. Após a apresentação do vídeo: “o que é

arte contemporânea⁵”, foram estudados os artistas Cildo Meireles, Efigênia Rolim, Vik Muniz, Grupo Poro, os Gêmeos, Alexandre Orion, Fabio de Oliveira Parnaíba, Cristo e Jeanne-Claude, e Banksy. Alguns diziam: “isso é arte? ” No entanto, no decorrer dos estudos e discussões, as ideias foram clareando e com as informações adquiridas, aos poucos, as opiniões iam mudando. Em seguida, a turma foi dividida em dois grupos para realizarem a pesquisa na internet sobre outros grafiteiros e artistas contemporâneos. O primeiro grupo necessitou de acompanhamento de um técnico pois os computadores não estavam funcionando. Cada grupo apresentou a pesquisa e solicitaram que fosse trabalhado mais sobre Crica Monteiro. Diante do interesse, foi mandado recado através das redes sociais para a artista, falando do interesse dos meninos em conhecer mais sobre o seu trabalho, que logo retornou, autorizando o estudo.

Na terceira etapa, conforme cronograma seria a aula de campo com o passeio pela cidade, mas, por questões internas foi realizada a troca de datas, ficando com o estudo teórico sobre intervenção urbana. Assistiram um vídeo sobre a artista Crica e os artigos indicados pela artista, conheceram e observaram as obras da artista Monica Nador. Em seguida, baseados na leitura das obras da artista, os alunos criaram um símbolo para praticar a técnica do estêncil. No processo apresentaram dificuldade em criar um símbolo. Partiu-se então para uma pesquisa na internet sobre símbolos quando, escolheram como referência os símbolos africanos. Desenharam o símbolo no caderno e o reproduziram na lâmina de retroprojetor. Neste momento os alunos com mais habilidades para o desenho, auxiliaram os demais. As lâminas com as imagens foram entregues para que fosse feito o corte com estilete (processo esse perigoso de ser realizado por eles por questões de segurança). Dando sequência, os alunos passaram uma base de tinta em uma tela 30X40 na cor de sua preferência para suporte do estêncil.

No encontro seguinte, aconteceu o passeio pela cidade. Nesta atividade participaram apenas cinco adolescentes, os quais possuíam permissão judicial para saída externa. Vale lembrar que nossa cidade carece de arte urbana. Foi visitado e visto grafite nos muros do Colégio Estadual Agostinho Pereira e realizado um passeio

⁵ <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=17494>



Figura 1: registro do passeio pela cidade / fonte: autora

pela cidade em busca de intervenções. Durante o passeio foi possível identificar uma intervenção em uma cerca/muro onde havia uma placa de lata com um grafite, resultado de um projeto chamado Joarte. Neste momento um aluno disse: “sempre passei por aqui e nunca tinha visto essa pintura”. No percurso, foi avistado um muro todo pichado, numa rua que dá acesso à um loteamento novo num bairro da cidade. Iniciou-se então o debate/a discussão sobre a pichação ser considerada arte ou não. Onde está o limite? Um menino até sugeriu contato com o dono pedindo autorização para a realização de um grafite.

Durante esta etapa, percebeu-se claramente a necessidade de um educar para o sensível, quando a maioria já havia passado várias vezes pelos locais visitados e não tinham percebido as intervenções públicas, as manifestações artísticas e seus significados ou intenção. Foi uma experiência gratificante e necessária para atuação do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem.

No retorno à Unidade, foram reunidos os demais adolescentes para dar continuidade ao debate sobre essa linguagem artística por meio das fotografias



Figura 2: registro do passeio pela cidade / fonte: autora

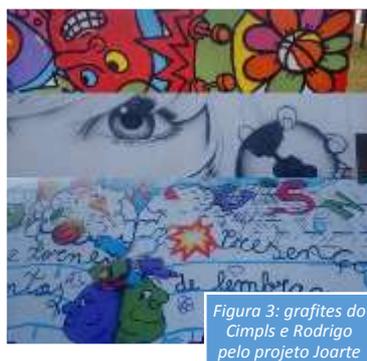


Figura 3: grafites do Cimpls e Rodrigo pelo projeto Joarte

registradas. Neste momento cada adolescente pôde falar sobre a arte urbana na sua cidade. Constatou-se que no norte do Paraná a arte urbana está mais presente e é mais aceita pela comunidade enquanto na região estudada, além de não encontrar arte urbana, sente-se certa rejeição por parte da comunidade. Em seguida, pesquisaram sobre a obra vista na rua e o significado de Joarte, projeto este que homenageava uma artista/poeta local Joana Corona que morreu jovem. O grafiteiro Curitibano Cimpls, amigo da artista homenageada, fez a intervenção e mais dois grafites no Céu das artes.

Na sequência, realizou-se um estudo sobre a arte de Candy Chang quando um aluno disse: “confessar um segredo é arte?”, “não entendi, por que ela fez isso”? Neste momento, ficou claro o estranhamento que eles têm em relação à arte contemporânea, estranhamento este devido à falta de conhecimento. Assim que

conheceram um pouco sobre a artista e suas obras começaram a aceitar e até considerar algo necessário, hoje, uma vez que percebem o quanto as pessoas são insensíveis ao outro. Depois, os adolescentes começaram a confecção de uma cabine de segredo. Dando continuidade, conversaram sobre a instalação e ficou decidido que a cabine seria um lugar de confissões e os segredos seriam queimados pois, a maioria se sentia inseguro em confessar, caso alguém lesse. Com a cabine concluída foi organizado o local para as confissões.



Figura 4: montagem da cabine dos segredos e processo de desapego de um segredo / fonte: registro da autora

Cada aluno escreveu seu segredo na cabine e depositou numa urna lacrada. Logo após todos se desfazerem de seus segredos, a urna foi guardada para ser queimada já que, por questões de segurança não foi permitido no local. Com o objetivo de dar um novo sentido àquilo que haviam se libertado, aconteceu um diálogo. Então, cada aluno, em uma folha sulfite, deu um novo conceito, ressignificou⁶ seu segredo com um símbolo e/ou uma palavra. Em seguida, foi desenvolvida uma aula explicativa e demonstrativa utilizando a técnica do estêncil conforme propõe a unidade didática e reproduziram a imagem. Durante esse processo,



Figura 5: técnica de recorte e bloqueio: estêncil / fonte: registro da autora

alguns alunos tiveram algumas dificuldades em entender como organizar a imagem para que não mudasse muito do original. Mas depois de algumas tentativas de erros e acertos se surpreenderam com o resultado.

A próxima etapa compreendia a etapa de intervenção nas ruas da cidade de Pato Branco, a qual não aconteceu. Em uma conversa informal com um artista e grafiteiro local, soube-se de uma lei municipal que não permitia arte urbana em Pato Branco. De posse dessa informação, contatou-se profissionais na prefeitura, apresentando o projeto e pedindo autorização a qual, não foi aceita sob a lei nº 321/78 de 25 de outubro de 1978, que dispõe sobre o Código de Posturas do Município.

⁶ “Ressignificar, na prática, é a capacidade que possuímos e quase não percebemos, de encarar de forma simples as situações que antes eram complicadas; de perceber de uma nova maneira e dar um novo sentido àquilo que já estava formatado no nosso sistema de valores e crenças” (<http://clinica-ressignificando.blogspot.com.br/2012/05/o-que-e-ressignificar-ressignificar-na.html>: acesso em 02/05/2017).

Respeitando essa lei (para que a instituição não fosse punida) e, em acordo com a direção, optou-se por outro espaço. Em contato com a direção do Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira (onde a professora PDE atua com alunos do 7º, 8º e 9º anos) apresentou-se a proposta. A equipe gestora prontamente disponibilizou o espaço. A primeira aula aconteceu na Unidade com todos os adolescentes sobre lambe-lambe. Na segunda aula, cinco adolescentes, os demais não puderam sair por ordem jurídica, deslocaram-se para o colégio. Chegando lá fizeram a intervenção no espaço, sob a técnica do lambe-lambe com as imagens deles e dos demais colegas.

Depois, escolheu-se um local seguro no pátio do colégio onde foi queimada a urna com os segredos. Dando continuidade, montaram a cabine dos segredos no hall de entrada do colégio e passaram em todas as turmas de 9º



Figura 6: lambe-lambe: intervenção urbana / fonte: registro da autora

anos desenvolvendo a atividade enquanto propositores. Essa etapa foi bem gratificante tanto para o professor quanto para eles. Aquele estranhamento inicial, não existia mais. Os alunos, enquanto propositores, sentiram-se donos da obra e, ao



Figura 7: montagem da cabine dos segredos no colégio onde o adolescente estava como propositor / fonte: registro da autora

propor para os demais alunos da escola, falavam sobre, incentivavam e acreditavam na arte enquanto expressão de ideias, pensamentos, angústias. Argumentavam muito bem quando eram questionados pelos demais. Essa foi uma proposta improvisada devido a não autorização de intervir nas ruas e que resultou num trabalho significativo. Eles discutiram bastante a justificativa do município quanto à não liberação e fizeram uma boa relação

com os centros maiores, no período em que muitos grafiteiros foram e ainda são presos e punidos. Algo muito interessante também, foi o fato de na mesma semana em que a proposta estava sendo desenvolvida, uma cursista do GTR, que não fazia ideia do que estava acontecendo, citou o artista propositor e a proposta do aluno enquanto propositor, o que contribuiu para efetivação do trabalho. A cabine foi deixada na escola para que toda a comunidade escolar pudesse participar. Neste momento

pareciam se sentir parte da obra: “será que vão cuidar?”, “Ninguém vai estragar?”. Estavam ansiosos para saber dos segredos.

Na etapa seguinte, foi entregue a urna dos segredos para que os adolescentes pudessem abrir e conferir os segredos depositados. Estavam aguardando curiosos. Ao abrir a urna ficaram surpresos com algumas revelações como “fui abusada pelo meu tio aos oito anos”. Depois de todos os segredos lidos, seguiram até o Colégio e junto com uma turma de nono ano, realizam a exposição com fios de nylon, formando uma teia, um entrelaçamento de segredos, como uma instalação⁷. Assim que terminaram a exposição, o espanto. Bateu o sinal e, muitos alunos começaram a ler, estavam ansiosos há vários dias pelos segredos. Várias pessoas aglomeram-se diante da exposição e uma professora assustada com o que viu, solicitou à direção



Figura 8:
instalação
com os
segredos /
fonte: registro
do autor

que tomasse providências, disse que o professor responsável deveria retirar “aquilo” – “um absurdo deixar expostos tais assuntos”. Diante do fato, junto aos alunos, os quais haviam participado da proposta, produziu-se um pequeno texto sobre arte contemporânea que foi anexado junto à obra. O que mais revoltou os alunos foi que uma professora, juntamente com uma pedagoga, arrancou os segredos mais “graves”. Em conversa com a vice-diretora, sobre o acontecido, houve entendimento de que há necessidade de se desenvolver esse tipo de trabalho e que o colégio apoia o trabalho com a arte contemporânea.

Esses percalços no caminho, são desafios necessários para repensar a prática. Considerou-se, o julgamento importante e se tornou significativo nas discussões com os alunos. Essa prática ampliou o entendimento sobre a arte contemporânea e foi importante enquanto conhecimento, experiência, tornando o professor mais sensível para os encaminhamentos em sala de aula.

Na última etapa aconteceu uma conversa, uma reflexão, concluindo que os fatos foram necessários para que realmente acontecesse a arte contemporânea.

⁷ Obras criadas para despertarem inquietação em quem caminha pelas cidades, e que espelham um momento exato da sociedade. Expostas em espaço público para provocar o espectador a construir um olhar mais crítico, a Instalação Artística modificou por completo todo o panorama das artes do fim do século XX e início do XXI (<http://sem-moldura.blogspot.com.br/2012/08/afinal-o-que-e-instalacao-artistica.html> acesso em 31/07/2017).

Entenderam com isso, que a arte está para chocar, provocar, refletir sobre a realidade na qual estamos inseridos (obs: essa discussão aconteceu também em todas as turmas do colégio envolvido. Durante toda a semana, alunos entraram em contato para contar “segredos”, conversar sobre problemas que estavam enfrentando, desabafar). Para finalizar, produziram um novo mapa conceitual com as perguntas iniciais, quando tiveram facilidade em respondê-las e entregaram o diário de bordo para avaliação.

Durante a implementação foi possível promover um olhar curioso, atento, sensível, mais crítico do aluno frente à sua realidade e a relação com a arte contemporânea. As reflexões feitas através das obras e dos artistas apresentados, bem como as produções artísticas, ultrapassaram as vias de estranhamento, ampliando o entendimento e a compreensão da Arte.

A partir dessa experiência, concorda-se com o pensamento de Ana Mae Barbosa, o qual relata que é nas manifestações artísticas que o homem pensa, sente, cria e transforma a sua realidade.

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade, que foi analisada (BARBOSA, 2002, p.23).

Espera-se que os alunos, após a implementação do projeto, desenvolvam ações que busquem aperfeiçoar suas próprias estratégias de aprendizagem, de entendimento da arte e que sejam capazes de se comunicar por meio dela para uma possível transformação: uma sociedade mais justa e humana.

Durante a implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola no primeiro semestre de 2017 foram realizadas, em paralelo, as atividades do GTR - Grupo de Trabalho em Rede. Através da plataforma *Moodle* do AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem, os professores da Rede Pública Estadual de Ensino discutiram e analisaram as etapas da presente pesquisa, dividida em três temáticas: 1 – Projeto de Intervenção Pedagógica; 2 – Produção Didático-pedagógica; 3 – Implementação do Projeto.

A primeira etapa visava discutir a importância de trabalhar arte contemporânea na escola, seu estranhamento, bem como as possibilidades de educar pelo sensível.

Mediante os relatos de experiências em diferentes realidades, pode-se dizer que o estranhamento se dá mais por parte dos adultos, nossa geração, do que pelos

alunos. Isso se deve ao fato de pensar na arte enquanto embelezamento ou por se tratar de algo que está em processo de construção. Ela é um reflexo da sociedade, com suas preocupações, satisfações, desejos e sentimentos. Sendo assim, a Arte Contemporânea exige envolvimento e desprendimento de preconceitos para compreendê-la e apreciá-la. O conhecimento será o responsável por essa mudança.

Na segunda fase, a partir da leitura do material didático, da relação entre o material e a realidade escolar e do projeto, o cursista deveria identificar um motivo que considerasse relevante a proposição do estudo no PDE. Várias foram as contribuições, bem como as relevâncias destacadas. Dentre elas,

Após ler e refletir sobre os materiais propostos nesse projeto de intervenção e sua relação com os desafios enfrentados pelo professor PDE, concluiu que a maior relevância do tema escolhido bem como da proposta apresentada, estejam principalmente relacionados à especificidade do público ao qual se destina. Em geral os adolescentes em privação de liberdade apresentam amplo histórico de abandono escolar e trajetórias de violência e uso de drogas. Com tantos desafios pedagógicos, somados à necessidade de se trabalhar valores e atitudes, utilizar-se da arte contemporânea e seus contextos, por vezes tão próximos da realidade das comunidades mais periféricas, é no mínimo uma grande ideia. As propostas de intervenção urbana que objetivam ressignificar os espaços coletivos aliadas à uma das poderosas ferramentas que a arte possui que é a de reintegração social, apresentam-se assim como a parte mais importante desse projeto: a possibilidade de que esse adolescente, reconhecendo-se como parte de um coletivo, ressignifique e transforme a sua vida e volte à sociedade transformado, afinal, segundo o Coletivo Transverso, "a rua é nossa", e, se a rua é nossa, queremos nela apenas boas ações (M.A.M.).

Considerou-se importante esse comentário no sentido de especificar o público alvo da pesquisa, como relevância. Além do abandono escolar, esses alunos/jovens, chegam nas Unidades Socioeducativas totalmente desmotivados, exigindo um comprometimento e uma responsabilidade ainda maior do profissional envolvido. Sabe-se que a motivação é o fator predominante na busca do conhecimento. Nesse momento, surge o questionamento: como motivá-lo a aprender, em meio a tantas dificuldades e problemas? Mediante a prática com esse público sente-se, às vezes, a necessidade de motivação também no profissional, diante deles. Pois, dependendo da situação que se encontra, faz-se necessário replanejar as atividades, refletir acerca das próprias condições de vida, que influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem bem como uma flexibilidade por parte do professor.

Na terceira fase, o cursista deveria elencar um aspecto em que a ação de implementação diferiu do que estava previsto no projeto de intervenção pedagógica

na escola. Comentar, caso encontrasse alguma disparidade no projeto com a prática, se a mudança foi positiva, negativa ou necessária. Mediante todas as interações e postagens realizadas, vale destacar:

Ao realizar o projeto, alguns empecilhos, naturais na hora de por em prática a arte contemporânea, foram constatados. O fato da cidade ter uma lei, que me parece ser algo a nível nacional, uma espécie de ditadura velada contra expressões artísticas, dificultou o processo de concretização da intervenção, assim como a escola também dificultou nesse processo. Isso fica claro no relato, porém os resultados foram positivos da mesma maneira. [...] A escola reagiu com certa violência ao invés de estranhamento com a expressão dos próprios alunos. Não sei se isso colabora ou piora com essa situação dos alunos. Não podemos nos calar. É, a partir do debate, no espaço público, que vamos enfrentar os nossos problemas sociais. E aí entra, de novo, essa questão, que ainda parece um resquício do período da ditadura militar, de abafar, silenciar, escamotear, matar, sumir. Concordo com você ao não expor seus alunos e queimar os segredos. Mas essa política do “politicamente correto” está embolando o meio de campo e impedindo o crescimento da sociedade, tanto social quanto culturalmente, nos deixando amarrados. O segredo está nessa dança, que você realizou muito bem, subvertendo e se adaptando ao meio. Somos positivistas, às vezes, mas não podemos deixar que isso nos engula, nos afogue. Pois a sociedade muda sim, no tempo e no espaço. (J. C.)

A sugestão do professor foi significativa e desencadeia um repensar. A prática diária exige um reinventar contínuo. Deve-se estar sempre preparado para mudanças e imprevistos. Muitas vezes, essas mudanças são necessárias para que o aluno perceba que o conhecimento em arte pode fazer com que se sensibilize com seu entorno, com o que faz, com o que pensa, com o que vive.

Mediante os depoimentos, o professor deve estar sempre preparado para imprevistos e ofertar possibilidades para o aluno vivenciar, experimentar possibilidades artísticas diferenciadas, para que se familiarize com as mesmas. Duarte Júnior, em sua proposta de educar pelo sensível, acredita que através da articulação entre os conteúdos e a experimentação, o aluno constrói o conhecimento, interagindo, desenvolvendo seu processo criativo.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise de todo o processo desenvolvido durante o PDE, que vai desde a elaboração do projeto, a produção didático-pedagógica, a intervenção na escola, o GTR até a implementação do projeto, buscou-se possibilidades metodológicas de apresentar conceitos de arte contemporânea para adolescentes, mediadas pela proposta de educar pelo sensível.

Inserir a arte contemporânea no ambiente escolar, onde ainda se encontra resistência e desconhecimento, foi um desafio. Entende-se que ao trabalhar a arte contemporânea o professor não deve focar no produto final, deve conduzir os educandos na construção do seu processo artístico, articulando seus conhecimentos. Dessa forma, no decorrer do desenvolvimento do projeto, foram utilizadas diferentes metodologias e ferramentas aumentando o interesse dos educandos em conhecer, compreender, refletir e aprender, por meio do fazer artístico.

O mapa conceitual, inicialmente utilizado como instrumento de verificação do conhecimento prévio dos alunos, serviu de reflexão sobre as necessidades e as dificuldades dos alunos mediante o conteúdo apresentado. Durante o processo, contribuiu para a construção de uma aprendizagem significativa ampliando os conceitos anteriores com os adquiridos.

O diário de bordo foi utilizado como um recurso de registro de informações e conceitos pertinentes para o aluno no decorrer da pesquisa. No início da produção notou-se certa dificuldade por parte de alguns dos alunos na construção desse instrumento por considerá-lo trabalhoso, não saber o que escrever, dificuldade sanada com a prática. Esse recurso tornou-se uma importante fonte de informações com desenhos, observações, curiosidades e descobertas.

A aula de campo como recurso metodológico alterou a rotina dos estudos; fez uma relação ente a teoria com a prática, proporcionando uma melhor compreensão do assunto estudado, apresentou a necessidade de um olhar mais aguçado ao seu redor, além de um interesse maior pela sua cidade.

Utilizou-se o estudo teórico e a pesquisa na Internet, como ferramenta de apoio ao aluno para a contextualização.

A prática artística foi proposta como complemento, no processo de ensino aprendizagem, quando o aluno pôs em prática o que aprendeu. Conforme expõe a DCE de arte, “a prática artística – o trabalho criador – é expressão privilegiada, é o

exercício da imaginação e criação”. Foi o momento em que o adolescente estabeleceu um diálogo com a comunidade, expondo seus medos e seus anseios, foi oportunizado a criar e expressar suas ideias com criticidade sobre a sua realidade e dialogar sobre ela (PARANÁ, 2008, p.71).

Por meio da pesquisa, entendeu-se que a arte contemporânea aliada à educação do sensível, pode levar os alunos a desenvolverem poéticas pessoais, direcionando seu olhar a detalhes, que a percepção anestesia no cotidiano. Ao priorizar o processo, estimula-se o educando a investigar, pensar, transformar, resultando em produções significativas.

Tanto na prática em sala de aula quanto nas discussões do GTR, nota-se que o estranhamento em relação à arte contemporânea é maior por parte dos educadores que dos educandos, e se dá, na maioria dos casos, por desconhecimento, por conceitos pré-estabelecidos ou ainda, por pensar a arte como embelezamento, impedindo o entendimento e a aceitação pela arte atual. É preciso, neste sentido, propor novas práticas em sala de aula, capazes de desenvolver um novo olhar, um olhar mais sensível ao contemporâneo, resultando em um educando mais sensível e crítico, capaz de dialogar com a sua realidade.

Pela proposta do programa PDE, conclui-se que a pesquisa desperta no educador a busca por novos saberes, propicia aperfeiçoamento profissional e a investigação de novas práticas pedagógicas para um ensino mais qualificado. Durante esse período, ele passa por um processo de transformação juntamente com os alunos, por meio de reflexões, discussões e construção participativa do conhecimento contribuindo significativamente no processo ensino-aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea, uma história concisa**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

AUROCA, Carlos. **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Anzol Ltda, 2012, 120p.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BURIGO E CORDOVA, Juiana e Dayana zdebsky. **Conversas sobre arte**. Curitiba: máquina de escrever, 2013.

CANTON, Kátia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 57

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1981, 128 p.

_____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2001.

FALKEMBACH, Elza M. F. **Diário de Campo: um instrumento de reflexão. Contexto e Educação**. Universidade de Ijuí. ano 2. nº 7, julho /set 1987.p. 19-24.

FERRARI, Solange dos santos Utuari... (et all). **Por toda parte**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2013.

KLEIN, Jacky e Suzy. **O que é arte contemporânea**. São Paulo: Claroenigma. 2013.

LIBERIDADE. **Artista cria muro interativo e pergunta: O que você quer fazer antes de morrer?** Disponível em <http://liberdade.com.br/artista-cria-muro-interativo-e-pergunta-o-que-voce-quer-fazer-antes-de-morrer/> acesso em 13 de junho de 2016

PALLAMIN, V. M. **Arte urbana: São Paulo (região central 1945-1998)**. São Paulo: Fapesp, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Programa de Educação nas Unidades Socioeducativas – Proeduse – Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba 2005, p. 68.

_____. **Diretrizes curriculares da educação básica - arte**. Curitiba, 2008.

PORO. **Manifesto por uma cidade lúdica e coletiva**. Revista ufmg, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.78-89, jan./jun. 2013.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação à pesquisa**. Palhoça: Ed. da Unisul, 2013. (Prelo).

Site:

<http://beforeidie.city/>